



Chamei-vos amigos

A amizade, um dom de Deus
para iluminar a terra

ANDRÉS CÁRDENAS MATUTE (ed.)

Giulio Maspero e Andrés Cárdenas

CHAMEI-VOS AMIGOS

www.opusdei.org

Índice

- Chamei-vos amigos (1): Deus tem amigos?
- Chamei-vos amigos (2): Para iluminar a terra
- Chamei-vos amigos (3): dentro de um grande mapa de relações
- Chamei-vos amigos (4): O melhor seguro de vida
- Chamei-vos amigos (5): Vejam que bons amigos

Chamei-vos amigos (1): Deus tem amigos?

Uma pergunta frequente que provavelmente está nas nossas mensagens do celular é: “Onde você está?” Podemos ter enviado a nossos amigos e familiares, procurando a sua companhia, mesmo à distância, ou simplesmente para imaginar a outra pessoa de um modo mais concreto. Onde você está? O que está fazendo? Está tudo bem? Essa pergunta é também uma das primeiras frases que Deus dirige ao homem, enquanto “passeava no jardim à hora da brisa da tarde” (Gn 3, 8-9). O Criador, desde o início dos tempos, queria caminhar junto de Adão e Eva; poderíamos pensar, com certo atrevimento, que Deus procurava a sua amizade – e agora a nossa – para ver a sua criação plenamente realizada.

Uma novidade que vai *in crescendo*

Esta ideia, que talvez não seja totalmente nova para nós, causou muitas surpresas na história do pensamento humano. De fato, em uma época de grande esplendor, a impossibilidade de o ser humano vir a ser amigo de Deus tinha sido aceita com resignação. A razão era que entre ambos havia uma absoluta desproporção, são muito diferentes entre si^[1]. Pensava-se que poderia haver, no máximo, uma relação de submissão à qual, no melhor dos casos, poderíamos chegar, de longe, através de certos ritos ou conhecimentos. Uma relação de amizade, porém, era inimaginável.

No entanto, a Escritura apresenta, repetidas vezes, a nossa relação com Deus em termos de amizade. O livro do Êxodo não deixa lugar a dúvidas: “O Senhor falava com Moisés face a face, como alguém que fala com seu amigo” (Ex 33, 11). No livro do Cântico dos Cânticos, que apresenta de modo poético a relação entre Deus e a alma que o busca, esta é chamada continuamente “amiga minha” (cfr. Ct 1, 15 e outros). O livro da Sabedoria também indica que Deus “se comunica às almas santas de cada geração e as converte em amigos” (Sb 7, 27). É importante notar que em todos os casos a iniciativa parte do próprio Deus; a aliança que Ele selou com a criação não é simétrica, como poderia ser um contrato entre iguais, e sim assimétrica: foi-nos dada a desconcertante possibilidade de falar *cara a cara* com nosso próprio criador.

Esta manifestação da caridade que Deus nos oferece, a comunicação desta novidade, continuou *in crescendo* ao longo da história da salvação. Tudo o que nos tinha sido dito por meio da aliança ilumina-se definitivamente com a vida do Filho de Deus na terra: “Deus não nos ama apenas como criaturas, mas como filhos a quem, em Cristo, oferece uma verdadeira amizade”^[2]. Toda a vida de Jesus é um convite à amizade com o seu Pai. E um dos momentos mais intensos nos quais nos é transmitida essa boa notícia é durante a Última Ceia. Lá, no Cenáculo, com cada um dos seus gestos, Jesus abre o seu coração para levar a seus discípulos – e a nós com eles – à verdadeira amizade com Deus.

Do pó à vida

O evangelho de São João divide-se em duas partes claras: a primeira se centra na pregação e nos milagres de Cristo, a segunda, em sua paixão, morte e ressurreição. A ponte que as une é o seguinte versículo, que nos faz penetrar no Cenáculo: “Jesus, sabendo que havia chegado a hora de passar deste mundo ao Pai, como amasse os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13, 1). Lá estavam Pedro e João, Tomé e Felipe, os doze juntos, recostados cada um numa almofada, como era costume na época. Pelos acontecimentos narrados, tratava-se provavelmente de uma mesa de três lados – em forma de U – na qual Jesus, o mais importante, encontrava-se perto de um extremo e Pedro, o que servia, no outro; provavelmente estavam um em frente ao outro. Em determinado momento, Jesus pôs-se de pé para fazer um gesto que talvez a sua Mãe tivesse feito muitas vezes com Ele, e não se tratava da tarefa de quem estava naquele lugar preferencial: cingiu a cintura com uma toalha para tirar o pó dos pés dos seus amigos.

A imagem do pó está presente na Sagrada Escritura desde o início. A história da criação conta que “o Senhor Deus formou o homem do pó da terra” (Gn 2, 7). Para que ele deixasse então de ser algo inanimado, morto e incapaz de relacionar-se, Deus “soprou em suas narinas alento de vida e o homem se converteu num ser vivo” (Gn 2, 7). A partir desse momento, o homem experimentará uma tensão que provém de ser pó e espírito, uma tensão entre os seus limites radicais e os seus desejos infinitos. Mas Deus é mais forte que a nossa fraqueza e que qualquer traição nossa.

Agora, no Cenáculo, o pó volta a aparecer. Jesus se dobra sobre o pó dos pés dos seus amigos, para animá-los, devolvendo-lhes a relação com o Pai. Jesus nos *lava os pés* e, divinizando o pó de que somos feitos, presenteia-nos com a amizade íntima que tem com o seu Pai. Em meio à emoção que o embarga, com os olhos de todos os seus discípulos fixos nele, diz: “Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15, 15). Deus quer compartilhar tudo. Jesus compartilha conosco a sua vida, a sua capacidade de amar, de perdoar, de ser amigo até o fim.

Todos nós já tivemos a experiência de como as boas amizades nos mudaram; não seríamos talvez os mesmos se não tivéssemos encontrado essas relações em nossa vida. Ser amigos de Deus também transforma nosso modo de sermos amigos dos que nos rodeiam. Assim, como Cristo, poderemos lavar os pés de todos, sentar-nos à mesa de quem nos poderia trair, oferecer o nosso carinho a quem não nos compreende ou inclusive não aceita a nossa amizade. A missão de um cristão no meio do mundo é precisamente “abrir-se em leque”[3], para todos, porque Deus continua infundindo o seu alento ao pó de que somos feitos e atua nessas relações enviando-nos a sua luz.

Deixar-nos levar rumo à comunhão

Vimos que a amizade que Jesus Cristo nos oferece é um ato de confiança incondicional de Deus em nós, que nunca termina. A uma distância de vinte séculos, em nossa existência diária, Cristo nos conta tudo o que sabe sobre o Pai para continuar nos atraindo à sua amizade. No entanto, apesar de que isso não nos faltará, será sempre uma parte, já que “correspondemos a esta amizade unindo nossa vontade à Sua”[4].

Os verdadeiros amigos vivem em comunhão: no fundo da alma querem as mesmas coisas, desejam a felicidade um do outro, às vezes nem precisam utilizar palavras para se entenderem; inclusive dizem que rir das mesmas coisas é uma das maiores manifestações de intimidade. Esta comunhão, no caso de Deus, mais do que um esforço extenuante para cumprir certos requisitos – isso não acontece entre amigos – consiste em estar um com o outro, acompanhar-se mutuamente.

Um bom exemplo pode ser precisamente o de São João, o quarto evangelista: deixou que Jesus se aproximasse dele e lavasse os seus pés, recostou-se tranquilamente no seu peito durante a Ceia e, finalmente – talvez sem compreender plenamente o que estava acontecendo – não deixou o seu melhor amigo, para acompanhá-lo nos maiores sofrimentos. O discípulo amado *deixou-se transformar* por Jesus Cristo e, assim, Deus foi tirando pouco a pouco o pó de seu coração: “Nesta comunhão de vontades realiza-se a nossa redenção: ser amigos de Jesus, tornar-se amigos de Jesus. Quanto mais amamos a Jesus, quanto mais o conhecemos, tanto mais cresce a nossa verdadeira liberdade”[5].

Jesus, nessa Última Ceia, mostra-nos que o segredo da amizade está em permanecer com Ele: “Assim como o sarmento não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira, assim também vós se não permanecerdes em mim” (Jo 15,4). É Jesus que quer amar em nós. Sem Ele não podemos ser realmente amigos. “Por muito que ames, nunca amarás bastante”, afirma São Josemaria. Mas imediatamente acrescenta: “Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar em teu coração”[6].

“Onde estás?” são as palavras que Deus, enquanto passeava por aquela esplêndida criação que havia saído das suas mãos, dirigiu ao homem. Também agora quer entrar em diálogo conosco. Ninguém, nem sequer o mais brilhante dos pensadores, podia imaginar um Deus que pedisse a nossa companhia, que mendigasse a nossa amizade até o extremo de se deixar pregar numa cruz para assim não fechar nunca os braços para nós. Tendo entrado nessa loucura de amor, ver-nos-emos impulsionados, nós também, a abri-los sem condições a todas as pessoas que nos rodeiam. Nós nos perguntaremos mutuamente: Onde você está? Tudo bem? E através dessa amizade poderemos devolver a beleza à criação.

Giulio Maspero e Andrés Cárdenas

[1] Cfr. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1159a, 4-5

[2] F. Ócariz, *Carta pastoral 1/11/2019*, n. 2.

[3] Cfr. São Josemaria *Sulco*, n. 193.

[4] F. Ócariz, *Carta pastoral 1/11/2019*, n. 2.

[5] Joseph Ratzinger, *Homilia na Missa Homilia na Missa Homilia na Missa pro elegendo pontífice*, 18/04/2005.

[6] São Josemaria, *Via Sacra*, VIII estação, n. 5.

[Voltar ao índice](#)

Chamei-vos amigos (2): Para iluminar a terra

Os grandes rios geralmente nascem de uma pequena fonte situada no alto das montanhas. Ao longo de seu percurso, vão recebendo água de mananciais e afluentes até que, no final, desembocam no mar. De modo semelhante, um afeto espontâneo ou um interesse em comum constituem as fontes das quais pode brotar uma amizade. Pouco a pouco essa relação segue o seu curso, recebendo correntes que a nutrem: tempo vivido em comum, conselhos de um lado e outro, conversas, risadas, confidências... Da mesma forma que, à sua passagem, os rios fecundam campos, enchem poços e fazem florescer as árvores, a amizade embeleza a vida, cumula-a de luz, “multiplica as alegrias e oferece conforto nas dores”[1]. Além disso, para um cristão, a amizade também fica repleta da “água viva” que é a graça de Cristo (cfr. *Jo* 4, 10). Esta força dá um novo impulso à corrente: transforma o afeto humano em amor de caridade. Assim, no final do seu curso, esse rio penetra no vasto mar do amor de Deus por nós.

Um coeficiente de dilatação enorme

Nas primeiras páginas da Bíblia, o relato da criação do homem diz-nos que ele foi formado à “imagem” de Deus, feito à sua “semelhança” (cfr. *Gn.* 1, 26). Este modelo divino está sempre presente na parte mais íntima da alma e, se treinarmos o nosso olhar, poderemos vislumbrar Deus em cada homem e em cada mulher. Por esta altíssima dignidade, todas as pessoas que encontrarmos no caminho – no trabalho, no estudo, no esporte, no nosso ir de um lado para outro – são dignas de ser amadas, embora somente com algumas delas poderemos estabelecer um relacionamento de amizade. Intuímos que, na prática, não é possível ter infinitos amigos, entre outros motivos porque o tempo é limitado; mas o nosso coração, movido por Deus, pode permanecer sempre aberto, oferecendo sua amizade ao maior número de pessoas, “dando mostras de compreensão com todos os homens” (*Tt* 3. 2).

Procurar ter na alma tal disposição, que não “exclui ninguém”, que permanece “intencionalmente aberta a todas as pessoas, com um coração grande”[2], tem certamente um preço. A mãe de São Josemaria, por exemplo, ao ver como seu filho se entregava sem medida às pessoas que o rodeavam, advertiu-o: “Você vai sofrer muito na vida, porque põe todo o coração no que faz”[3]. Abrir-se à amizade tem o seu preço e, no entanto, todos já experimentamos como é um caminho seguro de felicidade. Ao mesmo tempo, a nossa capacidade de amar a cada vez mais amigos pode crescer continuamente. São Josemaria sentiu esta inquietação em seu coração, com o aumento do número de pessoas no Opus Dei: poderei amar a todos os que vierem ao Opus Dei com o mesmo carinho que sinto pelos primeiros? Preocupação que a graça divina resolveu: o seu coração foi sendo continuamente dilatado por Deus, a tal ponto que ele chegou a confessar: “O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, dilata-se com um *crescendo* de carinho que ultrapassa todas as barreiras”[4].

Nisto vos conhecerão

Nas páginas do Gênesis revelava-se o amor de Deus ao criar-nos à sua “imagem”, mas com a encarnação do seu Filho, receberíamos revelações mais impressionantes. Os apóstolos de Jesus viveram durante três anos com aquele que era o seu melhor amigo, sem sair do seu lado. Chamavam-no *Rabbi* – que quer dizer “mestre” – porque além de amigos, eram e se sentiam seus discípulos. Antes de padecer, o Mestre quis que compreendessem que os amava com uma amizade que ia além da morte, que os amava “até o fim” (*Jo* 13, 1). Este segredo da radicalidade da sua amizade é uma das confidências íntimas que Cristo lhes fez durante a Última Ceia. Lá manifestou também o seu desejo de que esta força se perpetuasse durante os séculos através de todos os cristãos com a proclamação de um novo mandamento: “Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (*Jo*, 13, 34). E acrescentou: “Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos” (*Jo* 13, 35); isto é: os meus amigos serão reconhecidos pelo seu modo de amar aos outros.

Há um acontecimento na história do Opus Dei muito unido a este mandamento. Ao terminar a guerra civil, São Josemaria volta a Madri e se dirige imediatamente à rua Ferraz. No número 16 dessa rua, dias antes do começo do conflito, tinha-se terminado de instalar a nova Residência DYA. Quase três anos depois, encontra tudo destruído pelos saques e bombardeios. Está inutilizável. Entre os escombros, coberto de pó, descobre um quadro que havia estado pendurado na parede da biblioteca. Na tela, que tinha aspecto de pergaminho, estão escritas em latim essas mesmas palavras do mandamento novo que Jesus, como vimos, confiou aos seus apóstolos: “*Mandatum novum do vobis...*”, “Eu vos dou um novo mandamento...” (cfr. *Jo* 13, 34-35). Tinham-no pendurado ali porque era uma síntese do ambiente que São Josemaria desejava para os centros da Obra: “Lugares onde muitas pessoas encontrem um amor sincero e aprendam a ser amigas de verdade”[5]. Depois do desastre da guerra, quando era preciso recomeçar praticamente do zero, o importante continuava de pé: uma das bases fundamentais para reconstruir seria deixar-se guiar por esse doce mandamento de Cristo.

Deste jeito é mais fácil subir

Vemos que o modelo da nova lei é o amor de Jesus: “Como eu vos amei” (*Jo* 13, 34). Mas, como é este amor? Quais são as suas características? O amor de Cristo pelos seus apóstolos – disse-o Ele mesmo – é precisamente como o amor o que os amigos têm entre si. Eles foram testemunhas e destinatários da intensidade deste amor. Sabem que Jesus cuidava das pessoas com quem convivia. Eles o viram alegrar-se com as suas alegrias (cfr. *Lc* 10, 21) e sofrer com sua dor (cfr. *Jo* 11, 35). Sempre encontrou tempo para estar com os outros: com a samaritana (cfr. *Jo* 4, 6), com a hemorroíssa (cfr. *Mc* 5, 32) e inclusive com o bom ladrão quando já estava na cruz (cfr. *Lc* 23, 43). O carinho de Jesus manifestava-se em coisas concretas: preocupava-se com o alimento dos que o seguiam (cfr. *Lc* 9, 13) e também com seu descanso (cfr. *Mc* 6, 31). Como nos recorda o Papa Francisco, Jesus “cuidou da amizade com seus discípulos, e inclusive nos momentos críticos permaneceu fiel a eles”[6].

A amizade é, ao mesmo tempo, um bálsamo para a vida e um dom de Deus. Não é apenas um sentimento fugaz e sim um verdadeiro amor “estável, firme, fiel, que

amadurece com o passar do tempo”[7]. É considerada por alguns a expressão mais alta do amor, já que nos permite valorizar a outra pessoa por si mesma. A amizade “é olhar o outro não para servir-se dele, mas para servi-lo”[8]. É essa a sua preciosa gratuidade. Entende-se então, que o “ser desinteressada” é inerente à amizade, porque a intenção de quem ama não é buscar nenhum benefício, nem um possível efeito *boomerang*.

Descobrir isto em sua autêntica profundidade sempre surpreende, pois parece chocar com uma ideia da vida como competição, que costuma ser comum em alguns ambientes. Por isso, quem experimenta a amizade o faz habitualmente como um dom imerecido; com amigos os problemas da vida parecem mais leves. Como diz um provérbio *kikuyu* do qual o bem-aventurado Álvaro del Portillo gostou muito quando foi ao Quênia: “quando há um amigo no cume da montanha, é mais fácil subir”[9]. Os amigos são absolutamente necessários para conseguir uma vida feliz. É, sem dúvida, possível ter uma vida plena sem participar do amor conjugal – como acontece, por exemplo, com quem recebeu o dom do celibato – mas não se pode ser feliz sem experimentar o amor de amizade. Quanto consolo e alegria encontramos numa boa amizade! Como as tristezas se aliviam!

Mais amigos para Jesus

Conhecendo a vida de Jesus e crescendo em intimidade com Ele, podemos aprender as características de uma amizade perfeita. Vimos no princípio que a amizade cristã é especial porque se nutre de uma corrente divina, a graça de Deus, e por isso adquire uma nova “dimensão cristológica”. Esta força impulsiona a olhar e a amar a todos – especialmente os mais próximos – “por Cristo, com Ele e n’Ele”, como diz o sacerdote na Missa ao erguer Jesus no pão eucarístico. Aprenderemos assim a “ver os outros com os olhos de Cristo, descobrindo sempre e novamente o seu valor”[10]. São Josemaria nos animava a ser o próprio Cristo que passa ao lado das pessoas, a dar aos outros o mesmo amor de Cristo amigo. Por isso é lógico que alimentemos em nossa oração a expectativa humana e sobrenatural de ter sempre novos amigos, porque “Deus muitas vezes se serve de uma amizade autêntica para realizar a sua obra salvadora”[11].

A amizade de Jesus com Pedro, com João e com todos os seus discípulos identifica-se com um ardente desejo de que vivam perto do Pai; a sua amizade está unida ao desejo de que descubram a missão à qual foram chamados. Do mesmo modo, em meio às tarefas que o Senhor nos confiou, “não se trata de ter amigos para fazer um apostolado, mas de que o Amor de Deus informe nossas relações de amizade para que elas sejam um autêntico apostolado”[12]. São Josemaria costumava dizer que na vida espiritual chega um momento em que não se distinguem a oração e o trabalho, porque se vive numa contínua presença de Deus. Algo similar acontece com a amizade, porque ao desejar o bem do amigo queremos que esteja o mais perto possível de Deus, fonte segura de alegria. Assim, “não há tempos compartilhados que não sejam apostólicos: tudo é amizade e tudo é apostolado, sem nenhuma distinção”[13].

Por isso, no coração dos santos, sempre havia lugar para um novo amigo. Ao ler livros que contam as suas vidas descobrimos um interesse sincero pelos problemas dos outros, pelas suas angústias e alegrias. Dom Álvaro cultivou esta disposição até o fim da sua vida; quis levar a amizade de Cristo inclusive às

peças que o acompanharam durante as horas da sua última viagem nesta terra. Um dia depois do seu falecimento, “na mesinha de cabeceira encontrou-se o cartão de visita de um dos pilotos do avião que o tinha levado da Terra Santa a Roma. Ele tinha se interessado pelo piloto e pela sua família, especialmente durante o tempo de espera no aeroporto de Tel Aviv. O relacionamento foi breve, mas, profundo: aquele piloto foi rezar diante dos restos mortais de dom Álvaro assim que soube do seu falecimento”[14]. Em um encontro casual tinha se gerado uma amizade que continuava entre a terra e o céu.

O cristão tem um grande amor – um dom – a compartilhar. As nossas relações com os outros dão a Cristo a possibilidade de oferecer a sua amizade a novos amigos. “Iluminar os caminhos da terra”[15] implica estender pelo mundo a preciosa realidade do amor de amizade. Às vezes, pensar só em nossos interesses, ter muita pressa ou ficar em certa superficialidade ao conhecer as pessoas, coloca em perigo este presente que Deus quer dar a todos os homens. Grande parte da nossa missão evangelizadora é justamente devolver à amizade o seu autêntico brilho, colocando-a em relação com Deus, com os outros, com o nosso desejo de ser melhores... em suma, com a felicidade.

José Manuel Antuña

Foto: Maksim Shutov, disponível em Unsplash.

[1] Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 1/11/2019*, n. 23.

[2] Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 1/11/2019*, n. 7.

[3] Andrés Vázquez de Prada, *El fundador del Opus Dei*, Rialp, Madri 1997, tomo I, p. 164.

[4] São Josemaria, *Via Crucis, VIII estação*, 5.

[5] Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 1/11/2019*, n. 6.

[6] Francisco, *Christus vivit*, n.31

[7] *Ibid.*, n.152.

[8] São João Paulo II, *Ângelus 13-II-1994*.

[9] Salvador Bernal, *Recuerdo de Álvaro del Portillo*, Rialp, Madri 1996, p. 278. Veja aqui o vídeo da tertúlia em que Dom Álvaro fala sobre este provérbio:

[10] Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 1/11/2019*, n.16.

[11] *Ibid.* , n.5.

[12] *Ibid.*, n. 19.

[13] Ibid., n. 19.

[14] Salvador Bernal, *Recuerdo de Álvaro del Portillo*, Rialp, Madri 1996, p. 179.

[15] Fragmento da oração pública para pedir a intercessão de São Josemaria.

[Voltar ao índice](#)

Chamei-vos amigos (3): dentro de um grande mapa de relações

Os apóstolos correm aterrorizados quando os soldados prendem Jesus. Têm medo e recusam-se a testemunhar o aparente fracasso do homem em quem depositaram toda a confiança. As correntes fazem ruído quando se arrastam, o frio envolve a noite e o julgamento é claramente injusto. As palavras são usadas de maneira enganosa e o castigo é desproporcional. Todos os olhos estão postos no corpo chagado de Cristo, pedindo a Sua morte. Um caminho tortuoso, o peso da cruz, a multidão hostil que espera ouvir o bater do martelo ... até que finalmente levantam o corpo do Senhor. Do Seu patíbulo solitário, Jesus observa com compaixão os que não quiseram acolher Deus feito homem: “Será que existe alguma dor igual à minha dor” (*Lam 1:12*).

Tanto física como espiritualmente, durante a Paixão as “dores foram máximas em Cristo, entre as dores da vida presente”[1]; sabe que nenhum sofrimento Lhe será poupado. No entanto, é surpreendente que Deus Pai não tenha querido privar o Seu Filho, nem mesmo naqueles momentos, do consolo da amizade. Ali, ao pé da cruz, João olha com os mesmos olhos que testemunharam tantos momentos felizes com o Mestre; oferece ao amigo a mesma presença que os uniu por tantos caminhos. João voltou e procurou Maria; ele, que ouvira o bater do coração de Jesus na Última Ceia, não quer deixar de oferecer a Jesus a sua amizade fiel, um simples *estar ali*. E Nosso Senhor encontra alívio ao olhar para Maria e o “discípulo que ele amava” (*Jo 19:26*). No Calvário, perante a maior demonstração do amor de Deus pelos homens, Jesus, por Sua vez, recebe esse sinal do amor humano. Talvez na Sua alma ressoem as palavras que pronunciara horas antes: “Eu vos chamo amigos” (*Jo 15, 15*).

Afeto nos dois sentidos

Muitas páginas do Evangelho nos falam dos amigos de Jesus. Embora geralmente não tenhamos os detalhes do processo que deve ter criado essas profundas relações, as reações que conhecemos deixam claro que ali havia um verdadeiro afeto mútuo. Percorrendo esses textos, descobrimos que o Senhor desfrutou de amigos; o Seu coração humano não quis prescindir da reciprocidade do amor humano: “O Evangelho de Jesus Cristo revela-nos que Deus não consegue estar sem nós: Ele nunca será um Deus sem o homem”[2]. Por exemplo, sabemos que Jesus sempre Se sentiu acolhido e amado na casa dos Seus amigos de Betânia. Quando Lázaro morre, as duas irmãs vão ter com o Senhor com total confiança, mesmo com palavras duras que mostram o íntimo relacionamento que unia Jesus à família: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido” (*Jo 11:32*). O amigo comove-Se com a dor dessas mulheres e não consegue conter as lágrimas (cf. *Jo 11,35*). Naquela casa, Jesus podia descansar, estava à vontade, falava francamente: “que conversas foram essas da casa de Betânia, com Lázaro, com Marta, com Maria!”[3].

Assim como muitos encontraram em Jesus um verdadeiro amigo, Ele também desfrutou do que os outros Lhe ofereciam. Sentir-Se-ia, por exemplo, apoiado e consolado pelas palavras impetuosas de Pedro – que nunca tinha problemas em manifestar os seus sonhos em voz alta – quando viu que o jovem rico fechou a sua alma ao amor: “Nós deixamos tudo e te seguimos” (*Mt 19,27*). O grande carinho que Pedro sentia pelo Senhor levou-o a querer defender o amigo com vivacidade, mudando também alguns aspectos da sua vida quando o Senhor, com a força que somente a confiança permite, o corrigiu (cf. *Mt, 16, 21-23; Jo 13,9*). Assim como Jesus pôde descansar na força de Pedro, também encontrou descanso na ternura corajosa de João. Quantas conversas teria tido com aquele discípulo adolescente! No contexto da Última Ceia, somos testemunhas de como acolhe sem vergonha o seu gesto cheio de ternura, quando se recosta sobre o Seu peito com a confiança de alguém que conhece o coração do amigo. Embora João, durante a agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras, não tenha conseguido manter-se acordado e tenha fugido quando prenderam o Senhor, mais tarde soube arrepender-se e voltar. João experimentou que a amizade cresce muito com o perdão.

“Normalmente, olhamos para Deus como a fonte e o conteúdo da nossa paz: consideração verdadeira, mas não exaustiva. Não costumamos pensar, por exemplo, que também "podemos" consolar e oferecer descanso a Deus”[4]. A verdadeira amizade ocorre sempre nos dois sentidos. Portanto, perante a experiência pessoal de quanto Deus nos ama, a resposta lógica é querer devolver esse afeto; abrir as portas da nossa inteligência e tirar os segredos dos nossos corações. Somente assim podemos dar a Jesus todo o consolo e amor de que somos capazes para encontrar em nós o que encontrou em Pedro, em João ou nos Seus amigos de Betânia.

A amizade enriquece o nosso olhar

Se Jesus teve muitos amigos e Deus se deleita com os filhos de Adão (cf. *Pv 8,31*), é bom que também sintamos essa necessidade totalmente humana. Podemos imaginar o vasto mapa das conexões humanas, em todos os tempos e lugares; milhões de homens e mulheres unidos por laços que surgem de frequentar a mesma escola, morar no mesmo bairro, ter outras pessoas em comum, etc. As circunstâncias da nossa vida fizeram-nos conhecer os nossos amigos e desenvolver esse relacionamento íntimo com eles. Pensando no início de cada uma das nossas amizades, podemos encontrar toda uma série de aparentes coincidências que nos uniram. Não podemos deixar de agradecer a Deus o grande tesouro de ter desejado que, no nosso caminho, não falte a companhia e o amor dos homens.

E no meio desse grande mapa de laços e relacionamentos, de todas as pessoas com quem nos cruzamos no decurso das nossas vidas, Deus escolheu alguns para estarem mais próximos de nós. Deus se vale dos nossos amigos para nos abrir panoramas, para nos ensinar coisas novas ou para descobrirmos o amor verdadeiro: “Os nossos amigos nos ajudam a compreender maneiras de ver a vida que são diferentes da nossa, enriquecem o nosso mundo interior e, quando a amizade é profunda, permitem-nos experimentar as coisas de um modo diferente do nosso”[5]. O escritor britânico C. S. Lewis – que teve profundas amizades – afirmou, com o seu sentido de humor peculiar, que a amizade não é um prêmio pelo bom gosto, mas o meio pelo qual Deus nos revela as belezas dos outros e

conhecemos diferentes visões a respeito do mundo.

“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20), disse-nos Jesus, e uma maneira de fazê-lo é através das pessoas que nos amam: “Os amigos fiéis, que permanecem ao nosso lado nos momentos difíceis, são um reflexo do carinho do Senhor, da sua consolação e da sua amorosa presença. Ter amigos ensina-nos a abrir-nos, a compreender, a cuidar dos outros, a sair da nossa comodidade e isolamento, a partilhar a vida. Por isso, "Ao amigo fiel não há nada que se compare, pois nada equivale ao bem que ele é" (Sir 6, 15)”[6]. Olhar a amizade nessa perspectiva leva-nos a amar cada vez mais os nossos amigos, a vê-los como Jesus os vê. E a esse esforço há de unir-se também uma luta para nos deixarmos chamar amigos, pois não há amizade verdadeira, onde não há essa reciprocidade de amor[7].

Um dom para um e para o outro

A amizade é um dom imerecido, uma relação cheia de desinteresse, e é por isso que às vezes podemos cair na armadilha de pensar que não é tão necessária. Não faltaram aqueles que, por um mal-entendido desejo de agradar “somente a Deus”, viram com receio e desconfiança o consolo da amizade. O cristão, no entanto, sabe que tem um único coração para amar ao mesmo tempo a Deus, aos homens, e para receber o amor dos outros. Numa homilia pregada durante a festa do Sagrado Coração de Jesus, São Josemaria destacava: “Deus não nos declara que, em lugar do coração, nos dará uma vontade de puro espírito. Não. Dá-nos um coração, e um coração de carne, como o de Cristo. Eu não disponho de um coração para amar a Deus, e de outro para amar as pessoas da terra. Com o mesmo coração com que ameí os meus pais e estimo os meus amigos, com esse mesmo coração amo a Cristo, e o Pai, e o Espírito Santo, e Santa Maria. Não me cansarei de repeti-lo: temos que ser muito humanos; porque, de outro modo, também não poderemos ser divinos”[8].

Não escolhemos os nossos amigos por motivos de utilidade ou pragmatismo, pensando que este relacionamento vai produzir algum efeito; simplesmente amamo-los por si mesmos, por quem eles são. “A verdadeira amizade – assim como a caridade, que eleva sobrenaturalmente a sua dimensão humana – é em si mesma um valor: não é um meio ou instrumento”[9]. Saber que a amizade é um dom nos impede de cair em um “complexo de super-heróis”: de quem pensa que deve ajudar a todos, sem perceber que também precisa dos outros. O nosso caminho para o céu não é uma lista de objetivos a serem alcançados, mas um caminho que compartilhamos com os nossos amigos, no qual uma parte importante será aprender a acolher esse carinho que nos dão. Portanto, a amizade requer uma boa dose de humildade para nos reconhecermos vulneráveis e necessitados de afeto humano e divino. O amigo não se perturba nem se envergonha, não se desculpa nem incomoda. O amigo ama e deixa-se amar. Foi o que Jesus fez e foi o que os apóstolos fizeram.

Os que são mais introvertidos terão um pouco de dificuldade em abrir o coração ao outro, porque não sentem necessidade de fazê-lo ou porque temem não ser compreendidos. Os que são mais extrovertidos talvez compartilhem muitas experiências, mas podem ter mais dificuldades em enriquecer o seu próprio mundo com as experiências dos outros. Nos dois casos, todos precisamos de uma

atitude de abertura e simplicidade para permitir que o amigo entre na sua própria vida e interioridade. Abrir-nos ao dom da amizade, mesmo que custe um pouco, pode fazer-nos mais felizes.

Todos poderíamos fazer uma lista das grandes lições que aprendemos dos nossos amigos. Com cada um temos um tratamento particular, que pode iluminar os diferentes recantos da nossa alma. Ao grande consolo de saber que somos amados e acompanhados, une-se esse desejo de fazer o mesmo pelo outro. A amizade, disse São João Paulo II, “indica amor sincero, um amor mútuo que deseja todo o bem para a outra pessoa — um amor que gera união e felicidade”[10]. Saber-se chamado *amigo* não pode levar-nos ao orgulho, mas à gratidão por esse dom e ao desejo de acompanhar o outro no seu caminho para a felicidade: “Não existe algo que mais atraia o amor do que a pessoa amada entender quanto o amante aspira por seu amor”[11]. Quando Jesus nos chama amigos, também o faz com esse caráter recíproco. “Jesus é teu amigo. – O Amigo. – Com coração de carne como o teu. – Com olhos de olhar amabilíssimo, que choraram por Lázaro... – E, tanto como a Lázaro, te ama a ti”[12], lembra-nos São Josemaria. E cada amizade é uma ocasião para redescobrir o reflexo dessa amizade que Cristo nos oferece.

Maria del Rincón Yohn

Foto de Robert Nickson no Unsplash

[1] São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, III, q. 46, a. 6

[2] Francisco, audiência 7/06/2017.

[3] São Josemaria, carta 24/10/1965.

[4] Javier Echevarría, *Eucaristia e vida cristã*

[5] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral 1/11/2019*, 8.

[6] Francisco, *Christus Vivit*, 151.

[7] Cf. São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II-II, q.23, a.1.

[8] São Josemaria, *É Cristo que passa*, 166.

[9] Fernando Ocáriz, *Carta Pastoral 1/11/2019*, 18.

[10] João Paulo II, *Discurso 18/02/1981*.

[11] São João Crisóstomo, 14^a *Homilia sobre a Segunda Epístola aos Coríntios*.

[12] São Josemaria, *Caminho*, n. 422.

[Voltar ao índice](#)

Chamei-vos amigos (4): O melhor seguro de vida

Final dos anos quarenta. Em Zurbarán, uma das primeiras residências universitárias femininas de Madri, há o costume fazer vigília uma noite por mês, adorando a Jesus na Eucaristia. Levantar-se de madrugada, fazendo um revezamento, para não deixar o Senhor sozinho, não deixa de ser emocionante para uma universitária. A bem-aventurada Guadalupe, que é a diretora, lidera essa aventura noturna; fica acordada escrevendo cartas em seu escritório, muito perto do oratório, para o caso de alguma das moças querer continuar esse momento de oração com uma boa conversa. No meio do silêncio da noite, compartilham então, sonhos, propósitos, preocupações... Guadalupe não dorme para oferecer a todas a sua amizade. Não é estranho que os que a conheceram recordem que “tinha uma facilidade extraordinária para fazer amizades. É óbvio que tinha um dom especial para as pessoas, uma simpatia muito atraente e muitos valores humanos; eu gostaria, no entanto, de enfatizar o seu forte sentido da amizade”[1].

Um relacionamento circular

A gratuidade sempre caracteriza a amizade; se for procurada por obrigação ou para alcançar um fim, ela simplesmente não surge de modo autêntico. Guadalupe, por exemplo, não aceitava o cansaço físico de dormir um pouco menos, por exigência de um contrato, nem as jovens, que iam depois ao seu escritório, faziam isso por ter que prestar contas da sua vida, muito menos àquelas horas da noite. Guadalupe e cada residente compartilhavam algo que as levava a abrir-se mutuamente. Talvez alguma delas fosse estudante de química, outra teria o sonho de viajar pelo mundo, uma terceira talvez tivesse perdido o pai fazia pouco; Guadalupe compartilharia com alguma delas, provavelmente, o anseio por ter uma vida interior mais profunda e com outra inclusive a vocação ao Opus Dei. Pensando nessa variedade de gostos e sonhos que podemos ter em comum com os outros, São João Crisóstomo faz notar que quanto mais importante é o que nos une, maiores serão sem dúvida os vínculos que dali podem surgir: “Se a simples circunstância de serem de uma mesma cidade é suficiente para que muitos se façam amigos, como não terá de ser o amor entre nós, que temos a mesma casa, a mesma mesa, o mesmo caminho, a mesma porta, idêntica vida, idêntica cabeça, o mesmo pastor e rei e mestre e juiz e criador e Pai?”[2].

O prelado do Opus Dei – que muitos chamam de Padre precisamente por presidir uma família – faz notar que “existe uma relação íntima entre fraternidade e amizade. A fraternidade, de uma simples relação baseada na filiação comum, transforma-se em amizade pelo carinho entre irmãos”[3]. E, ao mesmo tempo, Deus atua nas relações de amizade, chegando inclusive muitas vezes a escolher dois ou mais amigos para uma mesma missão, como aconteceu com tantos santos ao longo da história. Ou seja, entre fraternidade e amizade gera-se uma relação circular positiva: a primeira oferece permanentemente à pessoa uma sólida base

comum – alicerçada, por exemplo, em ter recebido a mesma chamada – e a segunda contribui para que esses desejos permaneçam no tempo ao longo de um caminho feliz. São Josemaria, no ano de 1974, mal chegou ao local, na Argentina, onde teria uma reunião com filhos seus supernumerários, dizia: “Peço-vos hoje, ao começar, que vivais de tal forma vossa fraternidade, que quando algum de vós tiver dissabores não o deixeis, e tampouco quando tiver alegrias. Isto não é um seguro de vida, é muito mais: é um seguro de vida eterna”[4].

Aqui está o dedo de Deus

Em 1902, precisamente na Argentina, havia nascido Isidoro Zorzano, de pais espanhóis. Três anos depois a família voltou à Europa, para a cidade de Logronho onde Isidoro conheceu São Josemaria quando ambos eram adolescentes. Fizeram-se rapidamente amigos embora, ao terminarem o curso, um tenha optado por engenharia e outro pelo sacerdócio. Mas o contato entre os dois não terminou nisso, a correspondência epistolar entre ambos testemunha aquela amizade. “Meu querido amigo: como já estou mais descansado, podemos sair na tarde em que quiseres, para isso basta enviar-me um cartão. Um abraço de teu amigo, Isidoro”[5], escrevia um, enquanto o outro, que já morava na capital espanhola, respondia em uma carta: “Querido Isidoro: quando vieres a Madri, não deixes de vir me ver. Tenho coisas muito interessantes para contar. Um abraço de teu amigo”[6]. Pouco tempo depois, quando tinha vinte e nove anos, chegaria um momento crucial na vida de Isidoro. Por um lado, sentia em seu interior que Deus lhe pedia algo; por outro, o seu amigo Josemaria queria falar-lhe sobre o Opus Dei, que estava dando seus primeiros passos. Bastou um único encontro, no qual falaram sobre a santidade no meio do mundo, para que Isidoro percebesse que Deus havia se servido dessa amizade para presenteá-lo com a vocação ao Opus Dei. Aquele relacionamento que os unia desde a adolescência, aquela preocupação mútua, adquiria então um novo vigor e levou Isidoro a concluir: “O dedo de Deus está aqui”[7].

É lógico que a descoberta da vocação por Isidoro não deixasse em segundo plano os vínculos afetivos daqueles anos de amizade. Deus nos criou com alma e corpo, pelo que a união sobrenatural não anula os bens naturais que todos procuramos: vemo-lo no exemplo de Jesus, que compartilhava a sua vida com amigos. Por isso, São Josemaria faz notar que “Deus Nosso Senhor quer, na Obra, a caridade cristã e a convivência natural que se torna fraternidade sobrenatural, e não um convencionalismo formal”[8]. O carinho não é algo *espiritualizado*, mas concreto, encarnado, manifesta-se no relacionamento pessoal. Não é um formalismo que pode ficar em simples boas maneiras ou em cortesia que tranquiliza a própria consciência, mas procura amar a todos como o faria a sua própria mãe.

Em 14 de julho de 1943, pouco mais de dez anos depois daquele encontro crucial em Madri, ambos os amigos – que são agora pai e filho de uma família sobrenatural – mantêm a sua última conversa. Durante aqueles momentos recordam talvez a sua adolescência, as suas cartas, o trabalho lado a lado na Academia DYA, os trâmites para abrir a primeira residência, os vaivéns da guerra civil, o diagnóstico de câncer de Isidoro... São Josemaria despediu-se de Isidoro confessando um desejo: “Peço ao Senhor que me dê uma morte como a sua”[9]. Jesus nos ensinou que “ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13) e é precisamente isso o que entusiasmava Isidoro durante

os seus últimos dias: poder, do céu, continuar unido a todos da Obra, tal como tinha estado na terra.

O menos ciumento dos amores

Todos sabemos que, em relações humanas muito importantes, o vínculo objetivo que as une – como o fato de serem marido e mulher, ou irmão e irmã – não gera automaticamente uma relação de amizade. Inclusive quando existe uma verdadeira amizade, em algum momento, isso não garante que tal relação fique imune frente às sequelas normais da passagem do tempo. Bento XVI – sendo ainda cardeal – ao ponderar sobre a fraternidade sobrenatural entre os cristãos, fazia notar com realismo que “o fato de serem irmãos não significa automaticamente que sejam um modelo de amor”[10]. E recordava que na Sagrada Escritura há exemplos abundantes, desde o livro do Gênesis até as parábolas que Jesus conta.

Por isso, “a fraternidade baseada na vocação comum à Obra pede para se expressar em uma amizade”[11] que, como nas outras relações em que intervém a liberdade humana, não surge de um momento para o outro. Requer o paciente trabalho de ir ao encontro do outro, de abrir o próprio mundo interior para enriquecê-lo com o que Deus quiser dar-nos através dos outros. As tertúlias, ou reuniões familiares, por exemplo, nas quais cada um desenvolve a sua personalidade, constituem momentos para criar laços de autêntica amizade. Não há nelas coisas da vida dos outros – preocupações, alegrias, tristezas, interesses – que não nos toquem pessoalmente. Criar um lar com corredores luminosos e portas abertas aos outros faz parte de um processo de amadurecimento pessoal, já que “a criatura humana, na medida em que possui natureza espiritual, se realiza nas relações interpessoais. Quanto mais se vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal. Não é se isolando que o homem se valoriza a si mesmo, mas relacionando-se com os outros e com Deus”[12]. O homem só se explica de maneira satisfatória a si mesmo no interior do tecido social no qual desenvolve seus afetos.

Isto acontece porque a amizade, quando procura ser autêntica, tenta não se misturar com um desejo de posse do outro. Tendo, pelo contrário, experimentado esse grande bem, sabe o que tem para oferecer para outras pessoas: uma amizade autêntica é escola de mais amizades, ensina-nos a desfrutar da companhia das outras pessoas embora, naturalmente, não se chegue a ter a mesma proximidade com todos. C. S. Lewis notava que “a verdadeira Amizade é o menos ciumento dos amores. Dois amigos ficam contentes quando chega um terceiro e três quando o quarto se reúne a eles, basta que o recém-chegado tenha as necessárias qualificações para tornar-se um verdadeiro amigo. Eles podem dizer, como as almas abençoadas dizem em Dante: “Está chegando alguém que vai ampliar o nosso amor”. Pois neste tipo de amor “dividir não é remover””[13]. Chega, inclusive, a comparar isso com a imagem que podemos fazer do céu, já que lá, cada bem-aventurado aumentará a alegria de todos, comunicando a sua singular visão de Deus aos outros.

Santo Agostinho, em suas *Confissões*, ao recordar com certa nostalgia um grupo de amigos, diz sem conter a emoção: “inflamavam nossas almas, como em uma centelha, fazendo de muitas uma só”[14]. Relata que o que os unia eram longas conversas acompanhadas de risadas, era o serviço mútuo com boa vontade,

leitura juntos e, inclusive, os repentinos desacordos que ajudavam a colocar o foco em tudo o que tinham em comum; recorda a amarga sensação diante da ausência de algum deles, que logo se via compensada pela alegria da sua chegada. “A felicidade pessoal não depende dos sucessos que alcançamos, mas do amor que recebemos e do amor que damos”[15]; depende de sentir-nos queridos e de ter um lar, onde a nossa presença é insubstituível, lar ao qual sempre voltar, aconteça o que acontecer. É assim que São Josemaria queria que fossem as casas de seus filhos e filhas. É precisamente nesses termos que se recorda o primeiro trabalho apostólico do Opus Dei em Madri, no ano de 1936: “Se ao apartamento da rua Luchana se ia por ter sido convidado, o certo é que lá se permanecia por amizade”[16]; este é o amável vínculo que, humanamente, é capaz de manter a unidade. “Se vos amardes, cada uma de nossas casas será o lar que eu vi, o que eu quero que haja em cada um de nossos recantos. E cada um de vossos irmãos terá uma fome santa de chegar a casa, depois do dia de trabalho; e terá depois vontade de sair à rua, para a guerra santa, esta guerra de paz”[17].

Andrés Cárdenas

[1] Mercedes Montero, *En vanguardia*, Rialp, Madri, 2019, p. 79.

[2] São João Crisóstomo, *In Matth Hom.* 32,7.

[3] Mons. Fernando Ocáriz, *Carta 1/11/2019*, n. 14.

[4] São Josemaria, Anotações de uma reunião, 24-VI-1974.

[5] José Miguel Pero-Sanz, *Isidoro Zorzano*, Edições Palabra, Madri, 1996, p. 86.

[6] *Ibid.*, p. 112-113.

[7] *Ibid.*, p. 118.

[8] São Josemaria, *Instrucción sobre la obra de San Miguel*, n. 101.

[9] José Miguel Cejas, *Amigos do fundador do Opus Dei*, Palabra, Madri, 1992, p. 47.

[10] Joseph Ratzinger, *La sal de la tierra*, Palabra, Madri, 1997, p. 206.

[11] Mons. Fernando Ocáriz, *Carta 1/11/2019*, n. 14.

[12] Bento XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate*, n. 53.

[13] C. S. Lewis, *Os quatro amores*, WMF Martins Fontes.

[14] Santo Agostinho, *Confissões*, IV, 8.

[15] Mons. Fernando Ocáriz, *Carta 1/11/2019*, n. 17.

[16] José Luis González Gullón, *DYA*, Rialp, Madri, 2016, p. 196.

[17] Crônica 1956, VII, p. 7.

[Voltar ao índice](#)

Chamei-vos amigos (5): Vejam que bons amigos

Correm os últimos anos do século II. Os cristãos que vivem no Império Romano são perseguidos com violência. Um jurista chamado Tertuliano, que pouco tempo antes havia abraçado o cristianismo, sai em defesa de seus irmãos na fé, fé que ele agora conhece melhor. E ele o faz através de um tratado no qual procura informar os governadores das províncias romanas sobre a verdadeira vida daqueles que eram acusados injustamente. Ele mesmo os havia admirado, especialmente os mártires, antes de tornar-se cristão; mas agora, acolhendo a opinião de muitos, Tertuliano resume em um único comentário o que se diz sobre aquelas pequenas comunidades: “Vede como se amam!”[1].

São muitos os testemunhos desta amizade que os primeiros cristãos viviam. Pouco antes, no início do mesmo século, o bispo Santo Inácio de Antioquia, enquanto se dirigia a Roma para o seu martírio, escreveu uma carta ao jovem bispo Policarpo. Entre vários conselhos, exorta-o a aproximar-se “com mansidão” daqueles que estão longe da Igreja, já que não teria mérito amar só “os bons discípulos”[2]. Sabemos, com efeito, que Cristo se faz presente na história através da sua Igreja, dos seus sacramentos, da Sagrada Escritura, mas também através da caridade com que nós, cristãos, tratamos aqueles que nos rodeiam. A amizade é um desses “caminhos divinos da terra”[3] que Deus abriu ao ter-se feito homem, amigo de seus amigos. Trata-se de um terreno no qual se apalpa, de modo especial, essa cooperação misteriosa entre a iniciativa de Deus e a nossa correspondência.

Por isso, para que Cristo chegue aos outros através de nossas relações, é importante crescer na virtude e na arte da amizade; desenvolver a capacidade de *amar* aos outros e de *amar com* os outros; deixar que a nossa vida seja moldada por esse desejo de compartilhá-la com outros. Procuramos, portanto, que o nosso caráter se forme – ou se reforme – para tornar-nos amáveis e construir pontes. Queremos inclusive que os nossos gestos, o nosso modo de falar, de trabalhar ou de mexer-nos, favoreçam o encontro com os outros. Tudo isto, contando sempre com a nossa própria maneira de ser e com as nossas limitações pessoais, já que existem infinitos modos de ser bom amigo.

Um ao lado do outro

Dizia C. S. Lewis que imaginamos os apaixonados “com o rosto voltado um para o outro, mas amigos estarão lado a lado; seus olhos voltados para a frente”[4], para algo a fazer, a alcançar juntos. Um amigo não ama somente *o* amigo, ama *com* ele; apaixonava-se pelas atividades, projetos e ideais valiosos da outra pessoa. Aquela amizade brota muitas vezes simplesmente compartilhando tarefas que são verdadeiros bens comuns e, assim, os amigos crescem juntos nas virtudes necessárias para alcançá-los.

Neste sentido como ajuda entusiasmar-se por coisas boas, ter ambições nobres. Pode ser um empreendimento profissional ou acadêmico; ou uma iniciativa

cultural, educativa ou artística, desde ler ou ouvir música em grupo, até promover atividades para o grande público; formas de serviço social ou cívico; pode também tratar-se de uma iniciativa de formação, como um clube juvenil ou familiar, ou uma atividade destinada à difusão da mensagem cristã. A amizade se consolida também compartilhando tarefas domésticas como decoração, cozinha, artesanato, jardinagem e, evidentemente, em meio à prática de algum esporte, excursões, jogos e outros *hobbies*. Todas estas atividades constituem ocasião de divertir-se com outros, daí crescem pouco a pouco a confiança e a abertura mútua para outras dimensões da própria vida. É difícil afinal – e inclusive, talvez, desnecessário – saber se fazemos todas estas coisas para estar com nossos amigos ou se temos amigos para fazer coisas boas com eles.

Pelo contrário, quem enfrenta a vida de um modo meramente funcional, encarando tudo do ponto de vista prático, terá a sua capacidade de fazer amigos muito diminuída. Poderá ter, no máximo, colaboradores em certas tarefas úteis ou cúmplices para passar o tempo. É então que se *instrumentaliza* a amizade, já que ela é posta somente a serviço de um projeto focado em si mesmo.

“Assim deveria ser”

Mas a amizade não é apenas *fazer coisas juntos*. Deve ser “amizade ‘pessoal’ sacrificada, sincera: de tu a tu, de coração a coração”[5]. Embora entre os amigos não sejam necessárias com frequência palavras, conversar é próprio de amigos. Constitui toda uma arte aprender a suscitar boas conversas, com uma ou várias pessoas. Por isso, quem quer crescer em amizade, evita o ativismo frenético e procura momentos propícios para estar com os amigos, sem olhar o relógio nem o celular. Se procuramos proporcionar este intercâmbio pessoal, o lugar, o ambiente tampouco são indiferentes. Por isso é de grande ajuda dispor de espaços comuns, com recantos que tornem aconchegantes os encontros entre as pessoas. São Josemaria dava grande importância à decoração dos centros da Obra, que deviam facilitar materialmente o ambiente de amizade, com o bom gosto e o ar familiar.

Convidar alguém para aproximar-se de um grupo de amigos, para que compartilhe uma experiência inspiradora ou reflexões sobre um tema interessante, contribui normalmente para que essa pessoa melhore com naturalidade o nível de sua conversa. Ajuda igualmente empreender leituras em comum, já que isso implica participar desse grande debate com os autores do presente e do passado onde se congregam tantos possíveis novos companheiros de viagem. Não menos importante – e reflete uma profunda verdade sobre o homem – é o fato de que a amizade nos reúne com frequência em torno de uma mesa, para usufruir juntos de boa comida e de uma bebida que torne mais leve o espírito. Tantas vezes, naquelas longas conversas, antecipamos o céu: “De repente percebemos algo: sim, isto seria precisamente a verdadeira ‘vida’, assim deveria ser”[6].

Mas a verdadeira amizade não se satisfaz apenas com a conversa entre os que formam um grupo de amigos. Requer também momentos de solidão, de certa intimidade, onde se possa falar de “coração a coração”. Os bons amigos e familiares compreendem essa necessidade e abrem esse espaço sem inveja nem desconfiança. É assim que se cria o contexto propício para as “discretas

indiscrições”[7], para o mútuo conselho, para a confiança. Deus se serve também desses momentos para acompanhar espiritualmente as almas e inclusive para abrir “insuspeitáveis horizontes de zelo”[8], aos amigos, como pode ser compartilhar uma missão divina no mundo.

A amizade em um mundo agitado

É bom considerar também, com realismo, alguns traços da cultura contemporânea que representam um desafio para o modo como vivemos a amizade. É preciso dizer, em primeiro lugar, que não se trata de obstáculos intransponíveis. Por um lado, porque temos toda a graça de Deus. Mas também porque é fácil ver que, onde a amizade é menos frequente e profunda, é mais necessária e desejada de modo mais intenso pelos corações dos homens e das mulheres. Parafraseando São João da Cruz, poderíamos dizer: “Onde não há amizade, põe amizade e tirarás amizade”.

Pensemos, por exemplo, no tom excessivamente competitivo de algumas profissões ou ambientes. Isto se traduz, às vezes, numa mentalidade pragmática ou desconfiada, embora envolvida em uma boa educação meramente externa. Parece que, se trabalhássemos com outra atitude, os outros se aproveitariam de nós. Não podemos, sem dúvida, ser ingênuos, mas tal ambiente precisa ser purificado a partir de dentro, por pessoas que mostrem um modo diferente de viver. Não é preciso pressionar, gritar, enganar ou aproveitar-se dos outros, para atingir metas profissionais. Um cristão lembra sempre que o trabalho é um serviço. Por isso, aspira a ser um chefe, um colega, um cliente ou um professor de quem se pode chegar a ser um bom amigo, sem que se deixe de respeitar as normas próprias de cada profissão.

Poderemos igualmente criar ambientes propícios para amizade evitando que sejam contagiados por estresse excessivo, ativismo ou dispersão. É verdade que, em nosso mundo agitado, é difícil às vezes conseguir a serenidade necessária para ter novas amizades; e isso também porque, inclusive quando se descansa, a correria costuma ser acompanhada de modos de *desconexão*. Esta é precisamente uma oportunidade para – com humildade e conhecimento de nossa fragilidade – oferecer aos outros um exemplo atraente próprio de quem “lê a vida de Jesus Cristo”[9]: andar com tranquilidade, sorrir, desfrutar do momento, contemplar, descansar com coisas simples, ter criatividade para planos alternativos, etc. [10].

Ter esperança no que nos une

Manter uma “atitude positiva e aberta diante da transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida”[11], como recomendava São Josemaria, facilita a amizade com muitas pessoas, também quando há distância de gerações. Além disso, é preciso um profundo amor à liberdade alheia, sem cair na rigidez quando algo admite pontos de vista diferentes. “certas maneiras de se expressar – recorda o prelado do Opus Dei – podem atrapalhar ou dificultar a criação de um ambiente de amizade. Por exemplo, ser categórico demais ao expressar a própria opinião, dando a impressão de que achamos que nossas colocações são as definitivas, ou não se interessar ativamente pelo que os outros dizem, são maneiras de agir que nos fecham em nós mesmos”[12].

É verdade que, em vários lugares, estendeu-se uma visão da vida na qual é difícil aceitar alguns princípios básicos da lei moral. Isto implica que, às vezes, se negue, inclusive, a própria possibilidade do amor de benevolência: desejar o bem do outro por si mesmo. Talvez esta visão veja nas relações humanas apenas um cálculo de utilidade ou sentimentos de simpatia sem muito fundamento. Isto, logicamente, pode vir a ser fonte de incompreensão e até de conflito. É importante, diante desta situação, não confundir o diálogo próprio da amizade com a argumentação filosófica, jurídica ou política; o diálogo amistoso não implica tentar convencer o outro de nossas ideias, inclusive quando essas ideias forem formulações clássicas ou magistras de algum tipo de verdade. E isto não significa “não chamar as coisas por seu nome” ou perder a capacidade de discernir o bem do mal. O que acontece é que nossos raciocínios têm valor dentro de um diálogo só quando se parte de algum princípio ou autoridade comum[13]. Embora na amizade também haja tempo para a conversação pessoal, é melhor normalmente procurar pontos de acordo em vez de destacar o que nos separa; é o momento para oferecer nossa própria experiência, sem grandes elaborações intelectuais, com toda a força de quem compartilha as suas preocupações, tristezas e alegrias. E é sempre importante ouvir, porque a amizade – como dizia São Josemaria – mais do que em dar, está em compreender[14].

Pode ser útil notar que a maioria das pessoas, na maior parte do tempo, vive movida pelos desejos profundos de todo coração humano: amar e ser amada. Esse desejo insaciável de sentido, de unidade, de plenitude, embora possa ser anestesiado durante muito tempo por múltiplas razões, volta sempre a manifestar-se. O bom amigo – embora não seja sempre plenamente correspondido – sabe esperar; sabe estar perto quando os próprios esquemas entram em crise e o coração se abre à luz que intuiu precisamente no carinho do outro.

Uma imagem da paciência de Deus

São Paulo, no famoso hino à caridade de sua Epístola aos coríntios, declara que “a caridade é paciente” (1 Cor 12, 4). Por isso, o prelado do Opus Dei recorda que “uma amizade tem muito de dom inesperado, por isso também requer paciência. Às vezes, certas más experiências ou preconceitos podem fazer com que o relacionamento pessoal com alguém que temos perto leve algum tempo para se tornar amizade. Isso também pode ser dificultado pelo temor, respeito humano ou uma atitude de prevenção. É bom tentar se colocar no lugar dos outros e ser pacientes”[15].

São Josemaria animava sempre a andar “com o ritmo de Deus”. Em sua vida é inegável a audácia apostólica com que vivia, a ousadia – também humana – com que saía ao encontro das pessoas, mesmo que estivessem muito longe, mesmo pondo em perigo a sua própria vida. Basta pensar naquela conversa com Pascual Galbe, um juiz amigo que tinha conhecido durante seus estudos universitários; eram tempos de perseguição religiosa e o Padre esquivou-se de vários perigos ao ir à sua casa em Barcelona unicamente com a intenção de reencontrar seu amigo. Em uma conversa prévia, pelas ruas de Madri, Galbe lhe tinha perguntado: “O que você quer de mim, Josemaria?” Ao que o fundador do Opus Dei respondeu: “O que eu quero é você. Não preciso de nada. Só desejo que você seja um homem bom e justo”. E a mesma coisa voltou a dizer-lhe na vez seguinte, quando foi ouvir suas confidências naqueles momentos difíceis, sem deixar de ajudá-lo a encontrar a

verdade[16].

O fundador do Opus Dei não deixava de recomendar aquela paciência “que nos impulsiona a ser compreensivos com os outros, persuadidos de que as almas, como o bom vinho melhoram com o tempo”[17]; devemos procurar ter com os outros a mesma paciência que Deus tem conosco. A verdade é que, como lembrava Bento XVI, “o mundo é redimido pela paciência de Deus e destruído pela impaciência dos homens”[18]. Ter paciência não quer dizer que não soframos às vezes, por falta de correspondência de outras pessoas a nosso carinho, ou porque vemos algum amigo empreender caminhos que provavelmente não saciarão os seus desejos de felicidade. Trata-se, na verdade, de sofrer com o coração de Jesus, identificando-nos cada vez mais com seus sentimentos, sem nos deixarmos levar pela tristeza ou a desesperança.

A experiência do perdão dos amigos é motivo de esperança nos momentos mais obscuros da vida. A certeza de que um amigo nos espera, apesar das nossas indelicadezas, constitui para nós a viva imagem de Deus: esse primeiro amigo que aguarda que voltemos para seus braços de Pai e que nos perdoa sempre.

Ricardo Calleja

[1] Tertuliano, *Apologético*, XXXIX.

[2] Cfr. Santo Inácio de Antioquia, *Carta a Policarpo*, II.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 314.

[4] C.S. Lewis, *Os quatro amores*, Thomas Nelson, Rio de Janeiro, 2017, p. 94.

[5] São Josemaria, *Sulco*, n. 191.

[6] Bento XVI, Carta encíclica *Spe Salvi*, n. 11.

[7] Cfr. São Josemaria, *Caminho*, n. 973 .

[8] *Ibid.*

[9] São Josemaria, *Caminho*, n. 2.

[10] Cfr. Francisco, Carta encíclica *Laudato si'*, nn. 222-223.

[11] São Josemaria, *Sulco*, n. 428.

[12] Mons. Fernando Ocáriz, *Carta 1-XI-2019*, n. 9.

[13] São Tomás de Aquino, *Quodlibet IV*, .9, a. 3.

[14] Cfr. São Josemaria, *Sulco*, n. 463.

[15] Mons. Fernando Ocáriz, *Carta 1-XI-2019*, n. 20.

[16] Cfr Jordi Miralbell, *Días de espera en guerra*, Palabra, Madri, 2017, pp. 75, 97 e ss.

[17] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 78.

[18] Bento XVI, Homilia 24-IV-2005, Missa de início de seu pontificado.

[Voltar ao índice](#)

© Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei

www.opusdei.org